

Documentos

Publicam-se nas páginas a seguir fac-símiles de manuscritos que fazem parte do acervo do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB) da Fundação Casa de Rui Barbosa. São documentos que se relacionam com o tema do primeiro conjunto de textos deste número da *Escritos*.

Nas primeiras quatro páginas está reproduzido o manuscrito de um poema de Castro Alves. O manuscrito é composto de duas folhas, de que foram utilizados a frente e o verso. Embora aí tenha o título “Apóstolos”, o poema veio a ser publicado com o título “Jesuítas” em *Espumas flutuantes*. Tem como epígrafe versos de “À un martyr”, poema de *Les châtiments*, de Victor Hugo, o que vale a pena de ser salientado, pois na última página do manuscrito estão transcritas, em tradução, as estrofes finais de um longo poema também de Victor Hugo. Na tradução, o poema intitula-se “Lágrimas no ermo”. Trata-se da tradução de autoria não de Castro Alves, mas de Carlos Ferreira. O título em francês é “À Villequier”, e o poema faz parte do livro de Victor Hugo *Les contemplations*.

Nas páginas seguintes, encontram-se datiloscritos, com anotações manuscritas, de três traduções realizadas por Vinicius de Moraes. Primeiro, tem-se a tradução de *The hollow men*, poema de T. S. Eliot. Foi publicada no Suplemento Literário de *A Manhã*, em 19 de outubro de 1941, acompanhada de uma nota do tradutor. Em seguida, vêm duas páginas da tradução de uma peça teatral, *'Tis pity she's a whore*, do dramaturgo britânico John Ford (1586-1639?). Vinicius traduziu o título como *Pena que ela seja uma p...* (No AMLB encontra-se o datiloscrito de outra tradução dessa peça, realizada por Manuel Bandeira, com o título *Pena ela ser o que é.*) Por fim, tem-se a tradução da primeira das *Elegias de Duíno*, de Rainer Maria Rilke. Foi publicada no Suplemento Literário de *A Manhã*, de 14 de junho de 1942, acompanhada de um artigo do tradutor, “A vida, o amor e a morte”, em que ele diz não saber alemão e ter feito o trabalho a partir de edições em francês e em inglês, além de ter contado com a ajuda de amigos.

Apostolos

Ômes pereje vîux vous apportez mon Dieu
 Je vîus vous apportez ma tête!

(V. Hugo)

Quando o vento da Fé soprava Europa
 Como o tufão que impelle ao ar - a tropa
 Das aquias que gosarão no alcantil
 Do limbo de Roma - a pentaria
 O bando dos Apost'los saou dia
 Nos cerros do Brasil

Tupes illos! Extinctos luxuriosos!
 Ope' da cathedra aos quatro ventos
 Percara nos ceus...
 Floria após na India ou na Tartaria
 No Mississippi, no Peru, na Arabia
 Uma palmeira - Deus!

Omario Nalty, do Lazio a vîla
 A huya não, as quinas delatella
 Dobbkandez a galé
 Levaram sem saber ao mundo inteiro
 Os vandalos sublimes de Cordeiro
 Os Attilas de fé!

Onde ia aquella não? - No Oriente
 A outra? - No pólo. A outra? - A occidente
 Outra? - No norte. Outra? - No sul.
 E que buscava? A phoca além no pólo
 E ambar o crato no indiano pólo,
 Mulheres a Stambul.

AME C. ALVES

Curro - no Australia, pedras em Nicóira!
 «Munha em rezon dia em soy caeira

O filho de Jesus...

« Pescadores... nós vamos no mar fundo
 « Pescar almae pra o Christo em todo mundo
 « Com um anzol - a Cruz! »

Homens de ferro! Mal na vaga fria
 Colombo ou Gama um filho de estória
 No mar nos eccarecer,

Um padre a travessava os equadores,
 Dijo: « Genios! sair os catibores
 Da matilha de Deus! »

Depois as solidões surpresas vias
 Esse homem inusual que surgia
 Pela primeira vez
 E a onça recuando d'aquele
 Julgando o Crucifixo... alguma clava
 Invenível Talhy!

O martyrio, o devoto, o carde, o cipinho,
 A pedra, a serpe de setas maninho
 A fome, o frio, a dor
 O insecto, os rios, as lianas
 Chuva, miasmas, setas e savanas
 Horror e mais horror...

Nada tembara aquellas fronte calmas
 Nada surtava aquellas grandes almas

Voltadas pra a amplidão...
 No entanto elles se tumbão na jornada
 Por couraça - a cotaina esparçada
 É uma cruz por tombado!
 Um dia a tata do Inipi selvagem
 Jicava almas... embaixo do golhagem
 Rangera estranho pé...
 O caboclo da ribe ao chão saltava
 A setta heurada o arco recostava
 Estrugou o bôro...
 E o tucupe brandido a tribu fiera
 De um tigre ou de um jaguar ficava d'espera
 Com gesto ameaçador...
 Surgiu então no meio do terreiro
 O padre colmo, santo, sob alicerce,
 O Papa de amor.
 Quantas vezes então sobre a fogueteira
 Dos catalos & ombrios da madeira
 Entre o fumo e a luz...
 Frôz do marfim murmurava ungião
 « Amão! Eu vim trazer vos minha vida
 Vm trazer vos Jesus! »
 Grandes homens! Apostolos heroicos!
 Elles bijão mais do que os Stoicos!
 « Dor - tu és um prager!
 Felha, és um bito! Braco - és uma gema!
 Crato - és um sceptro! Chamma - um diadema
 « O morte, - és o viberio

Outras vezes no eterno Itinerário, *Deus sempre a se levantar em seu somente crás*
 O sol, que vira um dia no Calvario *Deus sempre humilde em se*
 Do Christo a santa Cruz, *Deus sempre de seu coração de vosso glorioso crás*
 De vos despartado!

Empiara de vir acher nos seus dias
 A mesma Cruz abrindo os braços grandes
 Aos indios subtra, *Oh! eu sei que a terra e o mar e o céu*
Deus sempre de se o o degustar,
 E juro q chamamos para tanta chorando
 O que é o começo!

É ao illal que o verbo do Messias
 Preparar o lado o valle ás serras ad,
Deus sempre de se o o degustar,
Deus sempre de se o o degustar,
Deus sempre de se o o degustar,

Do pólo as Equadoras... *Deus sempre de se o o degustar,*
 E o Niagara ia contar aos mares
 E o Gumbato arrebatava os ares
 O nome de Seara!

Antônio de Castro Alves

Deus... minh'alma segue e canga... *Oh! vicia me chorar, e pranto se trancando*
 Devos cauzi derar *Deus sempre de se o o degustar,*
 Sur, bee como uma mãe, humilde, qual criança *Deus sempre de se o o degustar,*
 Nunca vos adorar!

Considera também seu teus, toda a aurora,
 Busca o combate em leito, o trabalho,
 Espectado a natura ao homem que a signora,
 Misterio aclarando o ley de deo, o lhar.

Seu em havia oportuno a calera q guerra,
 Comprido como mistério...
 Seu em não podia, é não tal premio em paga
 Seu em não podia, não.

Dizer que vos também sobre esta festa ponte
 Desolado caber um bronze em agido...
 De um está mortal - sem riso no horizonte
 Me amancias o pito, a voz, o meador!

Comerão e a dor assim - de lanceante
 A terra a blasphemar,
 Finto rajando ao céu, bem como do o impate
 Fajar sobre, ao mar!

Alto de deprimente a vida apparece...
 Deante em honra o lhar, o lhar...
 Alto de deprimente a vida apparece...
 Deante em honra o lhar, o lhar...
 Alto de deprimente a vida apparece...
 Deante em honra o lhar, o lhar...

Estrélas perpétuas
Resas multifolias
Do reino do crepúsculo
Única esperança
D^es homens vasio.

v

Vamos rodar em volta de cacto
Em volta do cacte, em volta do cacto
Vamos redar em volta de cacto
Até ^{de/}amanhã às cinco.

Entre a ideia
E a realidade
Entre o movimento
E o ato
Cai a Sombra

Peis Teu é o Reino

Entre a concepção
E a criação
Entre a emeção
E a resposta
Cai a Sombra

A Vida é muito longa

Entre o desejo
E o espasmo
Entre a potência
E a existência
Entre a essência
E a descendência *ped?*
Cai a Sombra

Peis Teu é o Reino

Peis Teu é
A Vida é
Peis Teu é o

V.M. 318

-3-

U

Assim que será o fim do mundo
Assim que será o fim do mundo
Assim que será o fim do mundo
Não com um ~~can~~^{barro} mas um berre.

(traduzido em 3.8.41)

Vinicius de Moraes

VM nº 318

-4-

~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~

I.º ATO

(A ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~
nua diante da casa de Florio)

~~FRADE~~ FREI/ - Chega de discussões sobre isto! Sabes muito bem, meu ~~meu~~ filho, que não se trata aqui de questões acadêmicas ... Uma filosofia mais amena poderia telerar argumentos que não se pode justificar, mas o Céu não admite brincadeiras. Inteligências houve que presumiram demais da inteligência, tentando provar per teles sofismas que Deus não existe. Estas descobriram primeiro o caminho mais ~~curto~~ curto para o Inferno, enquanto enchiam o mundo de um ~~ateismo~~ ateismo diabólico. Tais indagações são inúteis. É bem ~~melhor~~ melhor abençoar a existência do Sol ~~do~~ que ficar pensando por que ele brilha. E no entanto, Aquêles de quem falias para mais alto do que o Sol. Basta! Não quero ouvir mais uma palavra sobre o assunto!

GIO. - Bondoso Padre, eu ^(me)abri ~~abri~~ as portas de minha alma aflita, despejei-me de tudo o que penso e sinto, tornei-me pobre de segredos. Não deixei uma palavra per ser dita, e disse coisas como jamais houvera cusado. E é este o ~~con~~ conselho que recebo? Não me será possível, então fazer o que a qualquer outro homem é permitido — ~~amar~~ amar?

FRADE. - Sim, podes amar, meu querido filho.

GIO. - Como é possível não exaltar uma tal beleza que, fosse ~~ela~~ ela recriada diante dos Deuses, ^{transformaram} e eles a ~~transformam~~ transformam em Deusa, e cairiam de joelhos diante dela como eu ~~caio~~ caio diante dêles?

FRADE - Oh, imprudente! Oh, louco!...

GIO. - Será que um pequeno nada, um preceito estabelecido pelos homens, esse de irmão e irmã, deva constituir uma barreira entre minha felicidade eterna e eu? Tivemos, ~~sim~~ sim, o mesmo pai. O mesmo ventre deu-nos a ambos nascimento e vida. →

V.M. 324

-44-

FRADE. -- Em boa hora. A minha benção para as ^{duas} doas. E que ^{os} que é mais: pedemos realizar a cerimônia ao nascer do sol.

As circunstâncias de beijam e abraçam.
 ↳ Aparecem, na presença, Hippelita e Vasques, que se falam em segredo.

HIPP. -- Ele ficou noivo?

VAS. -- Sim eu estava lá.

HIPP. -- E quando é o casamento?

VAS. -- Hoje, ao amanhecer.

HIPP. -- Ao amanhecer? Perfeito não preciso mais que de duas horas para fazê-lo dormir seu último sono. Tu véras, Vasques se não seu capaz!

VAS. -- Não duvide de sua palavra, senhora. E espero que não davi-
de de minha discrição. Sou inteiramente seu.

HIPP. -- Seres tua a despeito de tudo. — Mas, porque tão rápido? ... Oh, que homem cruel! Poderia jurar que ele se riria se me visse cherando por tua causa.

VAS. -- É... Esse é um feio defeito que ele tem...

HIPP. -- Não! ~~Esse~~ Que ria ~~quanto~~ quante quizer. Estou firmemente decidida. Tu serás fiel ao prometido?

VAS. -- De que me valeria uma traição diante da esperança que tenho de me alçar até ... ~~isso~~

HIPP. -- Até... e meu corpo, Vasques. Ah, a minha mocidade já es-
pera tudo desses prazeres novos. Se fôrmos bem sucedidas,
Seranze não terá ^{mais que} ~~que~~ poucas horas para viver.

*Da parte Annabells e
 Saem todos ~~depois do casamento,~~
 e só ~~se~~ sobrou Joelhem - a para
 FIM DO PRIMEIRO ACTO*
 recebe a bênção de
 Frei Benaventura.

P A N O

F I M D O 1.º A T O

V4991 321

-44-

A PRIMEIRA ELEGIA DE DUINO

Quem pois, se eu gritasse, me ouviria em meio às hierarquias
dos anjos? e ainda ^{em} um deles de repente
me tomasse em seu coração: eu me ^{apagaria} destruido ^(desolado)

pela sua presença mais forte. Porque outra coisa não é o belo
senão o primeiro grau do terrível; e mal o podemos suportar ^{ne potremmo sopportare}
e se assim nos assombra, é que desdenha de nos destruir.
Todo anjo é terrível. Hei de conter-me, pois
e hei de reter em mim o apelo de um triste soluço.

Ah, a quem então nos é dado recorrer? Nem aos anjos, nem aos homens.
e os próprios animais, de instinto, como que percebem
que não nos sentimos vivos nem felizes nesse mundo definido.
Resta-nos, talvez, sobre a encosta, uma árvore ^{na quale}
a revêr cada dia; resta-nos o caminho de inverno ^{in inverno}
e a fidelidade a um hábito frívolo que se compraz em nós
e se deixa e nunca mais parte de nós.

Oh, a noite, e a noite, quando o vento cheio dos espaços do mundo ^{intero}
nos cobre a face - a quem não seria ela, desejada
pouquemente inútil, erguendo ante o coração do solitário
sua ameaça. Aos amantes é ela mais amiga?
Ah, que sabem eles senão mascarar a si mesmos e um ao outro
o próprio fado... Não o descobriste, ainda? Lança de teus braços o vazio
para os espaços sensíveis; talvez os pássaros
sintam num vôo emocionado o ar mais amplo.

Sim, amaram-te as primaveras. Muitas estrelas
esperaram que as sentisses. Do passado
uma vaga cresceu, se aproximou; ou então quando ^{nei passati} passavas
junto à janela aberta, era o violino a te segredar. Tudo era destino.
Mas lhe estiveste à altura? Não andaste sempre absorto
à espera, como se tudo te anunciasse a bem-amada?

(É onde a queres abrigar, agora que grandes e estranhos sonhos ^{psicamento}
viverem e morrem em ti, e às vezes deixam-se estar contigo à noite...)
Mas se te sentes ^{saudo} infeliz, canta os amantes;
ah, que seu sentimento célebre está longe de ser imortal.
Canta, a esses fracos ^{deceduto} que quase invejas, que te aparecem

V.M.M. 322

- 1 -

tão mais amorosos do que os ^{satisfeitos} íntimos; não deixa nunca de cantar a tua inacessível louvação;

pensa que o herói persiste, que seu fim mesmo ^{é um subterfugio de vida; sua última criação.} é um subterfugio de vida; sua última criação.

Mas os amantes! ^{mas a natureza espanta a alma em si o amado.} sem força, a natureza os acalenta como se lhe faltasse duplamente a energia para se realizar.

Já pensaste em Gaspara Stampa, a quem ^{todas as frustradas quizeram imitar,} todas as frustradas quizeram imitar, exaltando o exemplo

de tal amante? As mais velhas penas não seriam em nós as mais fecundas? Já não é ^{Tempo} chegada

o instante de nos libertar da amada, embora amantes resistindo-lhe trêmulos, como resiste a flecha à corda ^{a flecha atirada em}

para viver, concentrada no alvo, um fim mais alto? ^{uma coisa que se ultrapassou e si mesmo!} Porque não há repouso em nada.

Vozes, vozes! Escuta, meu coração, como outrora só os santos sabiam escutar, e tanto, que o apelo imenso os levantava da terra, enquanto prosseguiam de joelhos ^{inflexíveis, inconscientes de tudo.} inflexíveis, inconscientes de tudo.

meals

sob a fascinação total da escuta. Não que possas, longe disso suportar a voz de Deus. Mas ouve o sopro de espaço a incessante mensagem que é o silêncio.

Sobe a ti agora o murmurar dos que morreram jovens. Em todos os lugares onde foste, nas igrejas de Roma e de Napoles seu destino não te falou de coisas calmas?

Ou mesmo uma inscrição se impunha, grave como um dia, naquele voto que viste em Santa Maria Formosa.

Que se ^{me} quererão eles? Com doçura quero libertá-los da aparência de engano que às vezes perturba um pouco o movimento puro de suas almas.

^{Naturalmente} Bem certo, deve ser estranho não estar mais na terra ^{ter haberes} não ~~seguir~~ mais hábitos apenas conseguidos. não dar mais nem às rosas nem às ^{coisas} coisas em promessa a significação de um futuro humano

Vejni 322

-3-

deve ser estranho nada mais ser na angustia infinita das mãos
 ter que abandonar mesmo o proprio nome
 como um brinquedo jogado.

Estranho, não mais desejar desejos, estranho vê
 tudo o que foi laço na vida, se desfazer voltendo no espaço.
 Morrer é doloroso, e há tanta coisa a reencontrar para nos podermos sentir
 devagar, uma parcela da etrnidade. No entanto
 os vivos cometem o erro de tudo distinguir. Os anjos(dizem)
 nem sempre sabem se caminham entre vivos ou mortos. O eterno rio
 leva atravez os dois reinos, sem parar, todas as idades
 e em ambos, o que se ouve é sua voz.

Na verdade eles não nos querem, esses eleitos precoces da morte
 docemente e ser se liberta da terra como do seio materno
 ao mesmo tempo que prossegue em seu caminho. Mas nós, que precisamos
 de tão grandes misterios, nós, para quem
 a vitoria nasce do luto, sem eles, poderíamos viver?
 Será vã a legenda de que outrora, para chorar Linos
 a primeira música ousou penetrar a rigidez da materia inerte
 e tanto, que então, no espaço emocionado, ~~xxx~~por onde
 quase divino o jovem se esvanecia
 o vasio, fecundado, conheceu emfim essa vibração
 que para nós se tornou em extase, consolação, ~~seccro~~...

Tradução de
 Vinicius de Moraes.

-3-

V.M.M. 322